



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

JONEIDE PINHEIRO ALEXANDRE

**A FORÇA CULTURAL DO BRINQUEDO DE MIRITI PARA O
CURRÍCULO DA ESCOLA BERNARDINO PEREIRA DE BARROS**

**Abaetetuba/PA
2018**

JONEIDE PINHEIRO ALEXANDRE

**A FORÇA CULTURAL DO BRINQUEDO DE MIRITI PARA O
CURRÍCULO DA ESCOLA BERNARDINO PEREIRA DE BARROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Joyce Otânia Seixas Ribeiro.

**Abaetetuba/PA
2018**

JONEIDE PINHEIRO ALEXANDRE

**A FORÇA CULTURAL DO BRINQUEDO DE MIRITI PARA O
CURRÍCULO DA ESCOLA BERNARDINO PEREIRA DE BARROS**

Banca avaliadora:

Profa. Dra. Joyce Otânia Seixas Ribeiro - orientadora

Prof. Dr. Dedival Brandão - examinador

Profa. Lídia Sarges Lobato - examinadora

Abaetetuba/Pa

2018

Agradeço primeiramente a Deus pela sabedoria, fé, força e perseverança. Aos meus pais, João e Antonina Alexandre, por terem me educado e dado a oportunidade de me tornar uma pessoa digna e batalhadora.

Aos meus filhos, Will Alexandre e Shara Alexandre, que pensando neles, persisto e continuo buscando meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Aos meus irmãos que me incentivaram a continuar esta caminhada.

À minha orientadora, Profa. Dra. Joyce Otânia Seixas Ribeiro, pelas suas contribuições que permitiram a concretização deste trabalho.

Aos demais professores que também tiveram suas contribuições fundamentais.

Aos meus amigos, colegas de turma e de trabalho, que me incentivaram e entenderam minhas angústias no decorrer deste curso.

Dedico este trabalho aos meus filhos e aos meus netos Kayky e Enzo, pois estes são razão de minha dedicação e perseverança em busca do conhecimento. Minha vitória também é de vocês.

[...] a cultura tornou-se a força pedagógica por excelência e sua função como uma condição educacional mais ampla para o aprendizado é crucial para a aplicação de formas de alfabetização dentro das diferentes esferas sociais e institucionais, pelas quais as pessoas definem a si mesmas e sua relação com o mundo social.

Henry Giroux

RESUMO

Este estudo trata da força cultural do brinquedo de miriti para o currículo da Escola Bernardino Pereira de Barros. O objetivo é analisar a força pedagógica do brinquedo de miriti para o currículo da escola a partir da perspectiva dos professores. Como a Escola Bernardino Pereira de Barros está situada em Abaetetuba, considerada a capital mundial do brinquedo de miriti, a cultura do miriti é central para a cidade e para o currículo. Entre os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo temos a aplicação de questionários abertos-fechados a um grupo de professores da escola. O referencial teórico conta com a contribuição de vários autores, entre eles: Giroux (2003), Hall (1997), Silva (1999), Gomes (2006), entre outros. Dos resultados obtidos considera-se que Abaetetuba produziu a cultura do miriti, que tem reconhecimento estadual e nacional, os professores não detém conhecimento da tradição e do patrimônio cultural, acreditamos na necessidade de um redimensionamento curricular, aproximando currículo e escola. A força pedagógica da cultura local na escola ainda não é percebida, existe para repensar o ensino e a relação escola-cultura.

Palavras-Chave: Currículo. Brinquedo de Miriti. Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I - A ESCOLA BERNARDINO PEREIRA DE BARROS E A CULTURA LOCAL	15
1 A Escola Bernardino Pereira de Barros.....	17
1.1 A visão dos professores sobre a cultura local.....	19
2 Abaetetuba e a cultura do miriti.....	19
2.1 Miriti: a matéria-prima e seus múltiplos usos	23
2.2 Brinquedo de miriti: Patrimônio cultural imaterial do Pará	26
II - A FORÇA PEDAGÓGICA DA CULTURA NO CURRÍCULO ESCOLAR	30
1 O currículo escolar no contexto da cultura.....	30
2 A relevância da cultura local para o currículo.....	34
3 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	44
Anexos	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz como título: “A força cultural do brinquedo de miriti para o currículo da escola Bernardino Pereira de Barros”, e os sujeitos são os professores do Colégio Estadual Bernardino Pereira de Barros no Município de Abaetetuba.

A problemática de investigação se desenha no campo da cultura, haja vista as mudanças profundas pelas quais vem passando o mundo, produzindo transformações na prática social, profissional e principalmente educativa, gerando uma inquietação no setor educacional, provocando reformas que buscam sua adequação às novas exigências culturais.

Nesse sentido, a cultura local, seus significados e artefatos, precisam ser considerados no processo de escolarização, pois a cultura governa o social e o individual (HALL, 1997). A tradição e o patrimônio cultural que vem do brinquedo de miriti, precisam ser usados como sua força pedagógica, essa cultura local precisa se reinventar no contexto educacional para contribuir com o ensino e formação cultural da sociedade local. Para isso é necessário envolver os professores na descoberta dos significados culturais do brinquedo de miriti, que busque uma reflexão no ensino capaz de pensar a cultura e sua relação com a sociedade e os efeitos no que as pessoas são, sentem e fazem.

O foco da pesquisa fundamenta-se na efetivação do referido projeto no ano de 2016 a 2017 no âmbito desta escola, destacando os desafios encontrados na utilização do brinquedo de miriti como força pedagógica para o currículo escolar. É fundamental situar os educandos/as quanto ao lugar de sua vivência, ao corpo humano e suas necessidades, ao trabalho, à cultura, e à diversidade cultural, aos seres humanos e meio ambientes e às relações políticas e sociais. Enfim, o processo educativo deve contribuir para o aprimoramento de sua formação enquanto cidadãos/às, como sujeitos da sua própria história e de seu tempo.

Os principais autores destacados para esta pesquisa foram: Giroux (2003), Silva (1999), Hall (1997), Gonçalves (2002) e Candau (2003). Além de outros suportes teóricos e documentais necessários ao desenvolvimento da pesquisa.

Considerando a cultura local e a relevância do brinquedo de miriti, problematizo sua relação com o currículo da escola básica, a partir da perspectiva dos professores. Para tanto, indico o problema investigativo da pesquisa: a cultura do miriti está presente no currículo da Escola Estadual Bernardino Pereira de Barros? Quais as razões da relevância da cultura do miriti para o currículo?

Os objetivos de pesquisa são: 1. Refletir sobre a presença da cultura do miriti no currículo da Escola Estadual Bernardino Pereira de Barros; 2. Analisar as razões da relevância da cultura do miriti para o currículo escolar.

Desta forma, este trabalho possui importância pessoal por ter participado no ano de 2016 pelo programa PIBIC, da pesquisa “A tradição do brinquedo de miriti no currículo da escola básica”, na oportunidade foi aplicado questionários aos professores e constatado que por mais que os professores acreditem e reconheçam o mérito do brinquedo de miriti, ele não é trabalhado na sala de aula. Surgindo então, a necessidade de realizar um estudo mais aprofundado para compreensão das problemáticas ocorridas no espaço educativo referente à importância da utilização do brinquedo de miriti como ferramenta na prática docente para o aprimoramento do ensino aprendizagem.

Para o meio educacional, uma vez que se busca verificar a prática dos profissionais e identificar se estão pautadas ou não numa postura didático-pedagógica transformadora da educação. Para tanto, o contexto cultural é de fundamental importância, por apresentar possível contribuição para a realidade escolar, visto que formação e prática docente é uma construção histórica e os problemas educacionais são computados por diferentes fatores, como uma prática pedagógica ineficiente podendo ser talvez, à precária formação recebida, sobretudo no que diz respeito ao que e como ensinar em sala de aula.

Além disso, representará no campo da educação científica um novo suporte teórico, que contribuirá para novas pesquisas educacionais, podendo intervir na melhoria do processo ensino/aprendizagem no contexto da realidade de onde se realizou a pesquisa.

A pesquisa se torna viável uma vez que há necessidade de se romper com os paradigmas tradicionais para que se alcancem objetivos propostos numa educação

holística. O nível teórico é viável levantar questionamentos sobre a construção de uma pedagogia baseada em competências, superando um currículo concebido como uma sequência de conteúdos para organizar um desenho curricular baseado na cultura, trazendo contribuição para um novo paradigma de educação. Uma organização curricular diferenciada, contextualizada, voltada para a construção de um referencial de competências que deve ser o instrumento permanente de trabalho da escola e do professor.

É preciso atender às exigências de uma educação para a criticidade em forma de trabalho docente que possibilitem o auxílio ao aluno no domínio sólido e duradouro do conhecimento e no desenvolvimento de suas capacidades mentais, físicas e sociais, atrelando a um currículo holístico numa perspectiva multicultural, valorizando experiências e vivências cotidianas dos alunos.

Esse projeto será útil na contribuição de um currículo mais democrático, onde é possível quebrar a barreira que separa o conhecimento escolar, conhecimento cultural e conhecimento de massa, pois segundo Costa (1998), o currículo é um campo no qual circulam uma infinidade de significados em meio as relações de poder, o que constitui um terreno fértil para a política cultural, em razão da intensa produção, circulação e consolidação de significados que materializam um projeto de indivíduo para certa sociedade.

Para os Estudos Culturais todo conhecimento que se constitui em sistema de significação é cultura, levando pesquisadores e pesquisadoras a considerar os processos educativos para além da escola, como objetos, filmes, instituições tais como hospitais, presídios e outros. E essas instâncias são também consideradas as escolas locais que tem sua formação pedagógica, pois tem algo a ensinar. A pedagogia se renova e cria uma pedagogia cultural.

Dessa forma, torna-se fundamental uma proposta de educação que assuma uma nova postura, numa perspectiva reflexiva com possível intervenção na realidade do currículo da educação, solucionando problemas da vida real, para as mudanças no processo ensino aprendizagem da escola Bernardino Pereira de Barros.

Vale ressaltar que para a realização deste trabalho houve primeiramente um levantamento bibliográfico como base de fundamentação à temática. Os procedimentos metodológicos adotados baseiam-se na abordagem qualitativa por

possibilitar uma melhor compreensão do contexto investigado, reduzindo a distância entre a teoria e os dados investigados, visando buscar elementos que permitiram um maior esclarecimento da problemática, pois segundo Triviños (1987), o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente.

Por conseguinte, a pesquisa de campo foi baseada em vivências na escola Bernardino Pereira de Barros, onde foram utilizados questionários estruturados com perguntas fechadas e abertas para os professores. A pesquisa foi feita durante seis meses, alternando-se entre estudos bibliográficos e vivências in locos. Para as entrevistas foi selecionada apenas uma amostra significativa totalizando dezessete professores da referida escola.

Lembrando que o questionário pode buscar respostas a diversos aspectos da realidade. As perguntas, poderão ter, segundo ensina Gil (1999, p.132), conteúdo sobre fatos, atitudes, comportamentos, sentimentos, padrões de ação, comportamento presente ou passado, entre outros e os resultados dos questionários darão embasamento para nossos instrumentos de comparação sobre os dados adquiridos. Procurando evidenciar o contexto da organização pesquisada – com registros em diário de campo e para a análise considerou o discurso dos sujeitos envolvidos no processo em confronto com o referencial teórico.

Este trabalho apresenta uma análise crítica que desenvolve acerca da diversidade das culturas e sobre as diferentes culturas.

No primeiro capítulo, apresenta-se o trabalho de campo na escola Bernardino Pereira de Barros, por meio de vivências, conversas informais e aplicação de questionários com professores do Ensino Médio, fazendo referências a visão dos professores sobre a cultura local. Será apontado ainda o brinquedo de Miriti: patrimônio cultural imaterial do estado e a cultura do brinquedo de miriti. A cultura do brinquedo de miriti levanta discussões sobre o conhecimento científico e reflexões no sentido de introduzi-lo no currículo da educação básica como uma condição educacional mais ampla para o aprendizado.

No segundo capítulo apresenta-se a força pedagógica da cultura local no currículo escolar, fazendo uma relação entre cultura e escola. Focalizando o currículo

escolar no contexto da cultura, repensando um currículo que prepare os alunos para a criticidade, valorizando a cultura local para o currículo, propondo reflexões sobre os professores enquanto agentes atuantes na organização e formulação dos conteúdos curriculares. E em seguida as considerações finais que retomam os objetivos da pesquisa e tecem as considerações que foram alcançadas.

A paciência e a responsabilidade investigativa foram importantes para atingir os objetivos propostos neste trabalho, valorizando cada novo aprendizado, buscando compreender os estudos culturais, as legislações educacionais e suas diretrizes curriculares. Verificando ainda as práticas pedagógicas no âmbito da escola Bernardino Pereira de Barros.

Dessa forma, este trabalho se apresenta numa análise crítica, com uma proposta inovadora, que interfere diretamente na prática pedagógica, visto que é possível contribuir com o brinquedo de miriti enquanto ferramenta pedagógica no currículo, para um currículo capaz de diluir as fronteiras do monoculturalismo e oportunizar o estudo da cultura local, na medida em que vai estreitar e aprofundar com os professores um diálogo sobre a relação cultura e currículo, com a intenção de sensibilizar que os mesmos reflitam sobre a força cultural do brinquedo de miriti no currículo.

CAPÍTULO I

O TRABALHO DE CAMPO NA ESCOLA BERNARDINO PEREIRA BARROS

Neste capítulo será apresentado o trabalho de campo realizado na Escola Bernardino Pereira de Barros, por meio de vivências, conversas informais e aplicação de questionários com professores do Ensino Médio, voltados para “A força cultural do brinquedo de miriti como recurso didático: possibilidades no currículo, tendo como base a opinião dos professores da referida escola.

Após o levantamento de material bibliográfico que nos subsidiou, a produção de dados da pesquisa ajudou a concluir com êxito o objetivo, enriquecendo os argumentos apresentados e colocando em prática a veracidade da pesquisa de campo. O processo de observação e aplicação dos questionários ocorreu de forma simultânea com os professores buscando contemplar todos os professores envolvidos da escola em foco no momento da pesquisa.

Aceitaram responder o questionário 17 professores, que compõem o Ensino Médio. Lembrando que os mesmos possuem vínculos efetivos com a entidade. Vale ressaltar que foi utilizado apenas as respostas mais relevantes para a pesquisa.

Com o intuito de preservar a identidade dos professores optamos por utilizar nomes fictícios: Prof. José, 46 anos, formado em Licenciatura da matemática, lecionando na disciplina que tem formação, com carga horária de 150 horas semanais, atualmente não trabalha em outras escolas e tem 22 anos de docência; Prof. João, 32 anos, com formação em Bacharel em Geografia, leciona na mesma disciplina na qual tem formação, sua carga horária é de 300 horas semanais, não trabalha em outra escola e tem 08 anos de docência; Prof. Carlos tem 43 anos de idade, é formada em Lic. de matemática, leciona matemática, com carga horária 210 horas semanais, não trabalha em outra escola e tem 06 anos de docência; Prof. Francisco, que tem 40 anos de idade, é formado em História e leciona História do Brasil, sua carga horária é de 200 horas semanais, também trabalha em outra escola e tem 20 anos de docência.

Os professores que responderam os questionários têm nível superior e também participam de curso de pós-graduação, visando uma educação de qualidade.

Nesse contexto é essencial lembrar a realidade dos alunos, haja vista que essa formação envolverá saberes necessários para a construção de uma educação voltada para a construção de sujeitos críticos e autônomos.

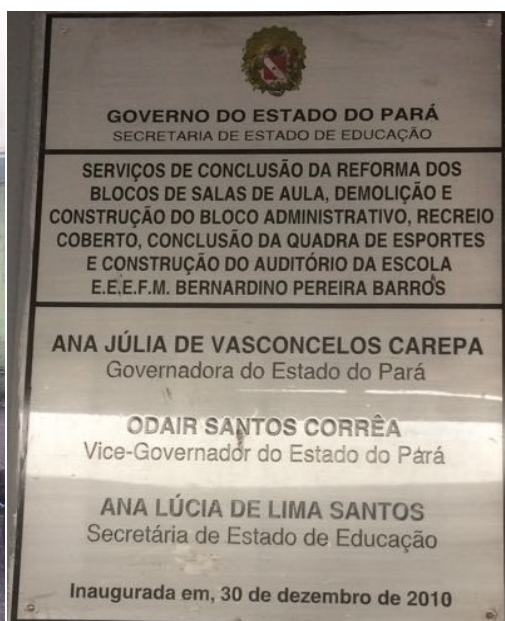
1. A Escola Bernardino Pereira de Barros

Imagem 01 : fachada da escola Bernardino Pereira de Barros



Fonte: arquivo pessoal autora

Imagem 02: Placa de Inauguração escola Bernardino Pereira de Barros



Fonte: arquivo pessoal autora

A Escola Estadual de ensino Fundamental e Médio Prof. “Bernardino Pereira de Barros” está situada na Rua Magno de Araújo, nº 1485, Bairro Centro, Abaetetuba – Pará.

O bairro onde a Escola está localizada é urbanizado e conta com o sistema de água tratada, rede de esgoto, coleta de lixo, energia elétrica, e rede telefônica e de internet.

A Escola “Bernardino Pereira de Barros” recebe alunos provenientes de diversos bairros da cidade e alunos residentes na zona rural – centro e ilhas - . Esses alunos pertencem a classes sócio econômicas diversificadas, prevalecendo a classe baixa, trazendo para a escola uma variada educação moral, religiosa e cultural.

A Escola “Bernardino Pereira de Barros” atende alunos da 5ª série/6º ano 8ª

série/ 9º ano do Ensino Fundamental, alunos de 1ª a 3ª séries do Ensino Médio, alunos da 3ª e 4ª etapa do ensino fundamental da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola funciona como polo do Sistema Modular de Ensino (SOME) que funciona nas 22 escolas localizadas na zona rural do município (estradas e ilhas). Atende também os alunos do ensino fundamental no contra turno com o Programa Mais Educação.

A maioria dos alunos tem acesso apenas à televisão e rádio como meio de informação, e nos últimos anos, os alunos têm procurado *lan house* para obter informação e entretenimento. A leitura se restringe ao ambiente escolar.

1.1 A Visão dos Professores sobre a cultura local

Diante do contexto cultural da cidade, os professores, no questionário havia a pergunta se a Escola priorizava a cultura local e o brinquedo de miriti no currículo, e aqui vou destacar apenas as respostas consideradas relevantes para a análise. Entre as respostas temos a do Prof. João:

Somente de forma indireta, pois na feira cultural do colégio, alunos falaram do brinquedo de miriti (Prof. João)

Outra pergunta foi sobre a participação em cursos e/ou palestras e se estes cursos focam no debate sobre a cultura local. Em geral, os professores participam de formação continuada, mas estes cursos se reduzem a orientar sobre o uso pedagógico do brinquedo de miriti, como afirmam os professores abaixo:

Participei, porém os cursos focaram em orientações sobre o uso pedagógico do brinquedo na sala de aula, mas deixou de fazer o debate cultural. (Prof. José).

Participei, mas foi só sobre o uso pedagógico do artesanato em sala (Prof. Carlos)

Sim, mas o curso não fez debate cultural (Prof. Francisco).

O brinquedo de miriti está incluído no currículo escolar, os professores afirmam que não está incluído, destacando:

Fazemos palestras relacionadas a temas como drogas, família, violência, não esquecendo as disciplinas da grade curricular. Trabalhamos também muito através de teatro e com confecções de trabalhos artísticos em sala de aula. (Prof. Francisco)

Notamos que os cursos e palestras priorizam outros temas culturais como drogas e problemas familiares, teatro e trabalhos artísticos, mas não o artesanato local nacionalmente famoso. Ao perguntar o brinquedo de miriti pode ser considerado como ferramenta pedagógica na escola, dois professores foram enfáticos em responder que não, mas, por outro lado, a maioria dos professores afirma que a cultura do miriti precisa ser ensinada na escola como tema transversal:

Sim, deve ser incluído pelos temas transversais ou na disciplina de arte (Prof. Carlos)

Sim, dependendo da disciplina (Prof. José)

Outros afirmam que sentem orgulho do brinquedo de miriti, pois representa a cultura da cidade e marca as identidades culturais, como nas respostas abaixo:

Sim, apesar de ser de outro município (Prof. José)

Representa a cultura do povo (Prof. Francisco)

Nas respostas, observamos que mesmo sentindo orgulho da cultura local, os professores não veem necessidade de ser incluído de forma global no currículo escolar, mas aceitam que seja debatido na sala de aula

Este é o paradoxo escola-cultura, o distanciamento ou ausência de relação entre ambas se dá pela falta de política cultural na escola. Não há ações pedagógico-culturais que afirmem a cultura local, a despeito da LDB e dos PCNs e de vivermos em um momento de centralidade da cultura (HALL, 1997).

Mas antes de debater o campo curricular, mostraremos um pouco da cultura local, falando de Abaetetuba e do brinquedo de miriti, para no capítulo 2, destacar as razões para a inclusão do brinquedo de miriti no currículo.

2 Abaetetuba e a cultura do miriti

A pesquisa sobre cultura local é importante porque Abaetetuba produziu uma cultura particular, a cultura do miriti, com um artesanato que é produzido há mais de duzentos anos e reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Estado do Pará. Por isso, é preciso saber como a escola se relaciona com a cultura local.

O município de Abaetetuba está situado em uma região cheia de peculiaridades, começando por sua área geográfica, pois é composto por ilhas bastante povoadas, comunidades que vivem na zona rural, além de habitantes que residem no centro da cidade. De acordo com Machado (2008), é o 7º município paraense em população, os dados populacionais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) demonstram que em 2012, apresenta uma população de aproximadamente 144.000 habitantes, e sua população em 2015 está estimada em 150.431 habitantes.

Abaetetuba é uma cidade, que tem um poder cultural muito forte, sua representação no estado, foi tendo cada vez mais destaque com o reconhecimento do brinquedo de miriti dentro do contexto cultural, de forma nacional e internacional, exemplo quando o brinquedo de miriti estava visível na copa do mundo no ano de 2014, por ter sido selecionado entre os 10 artefatos do mundo para ser exibido mundialmente através de sua apresentação na copa.

Imagem 3 – A Bandeira do Brasil, representada na canoa de miriti.



Fonte: Edney Silva.

E somada a essa visibilidade, se tornou através da Lei Estadual 7433/2010 Patrimônio Cultural Imaterial do Estado, e considerado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde 2004, como “elemento estruturante do Círio de Nazaré”, uma das maiores manifestações religiosas do Brasil, que tem sua certificação como patrimônio nacional. Essas certificações e divulgações trouxeram ao brinquedo de miriti uma nova extensão e importância no aspecto cultural, esse artefato vem ao longo de mais de 200 anos representando o povo abaetetubense, pois

A estética do brinquedo é caracterizada pela apresentação miniaturizada de cenas pitorescas da vida ribeirinha cotidiana com suas palafitas, canoas, frutas e animais, o extrativismo e a agricultura familiar, a religiosidade, os costumes, enfim, a cultura amazônica, com abundantes detalhes e colorido vibrante, em uma diversidade de temas e peças, que despertam interesse e admiração (RIBEIRO; LOBATO; PINHEIRO, 2015, p. 148 e 147).

Gomes (2006), diz que esse brinquedo/artefato, desperta interesse e admiração de um povo que não é seu, pois o olhar turístico, econômico, político forma um parâmetro particular, abrindo novas possibilidades para que essa Abaetetuba, que por muitas vezes já teve um destaque com seus vários nomes atribuídos, como: Pérola do Tocantins, terra da cachaça, Cidade das bicicletas, Medellín Nacional, Cidade do brinquedo de Miriti.[...] A cidade das Olarias.[...] cidade das festas e outros eventos que caracterizaram a cidade de forma não muito positiva.

O miritizeiro é uma palmeira comum em paisagens da região Amazônica, incluindo as várzeas e os igapós. Dessa palmeira extrai-se o óleo que é um bom cicatrizante natural, o vinho de miriti que pode ser servido nas refeições, mesmo como mingau, do fruto retira-se a polpa para serem industrializados ou utilizados nas iguarias culinárias típicas do interior do Norte do Pará, muito bem explorada no Miritifest, e sua industrialização cresce cada vez mais, principalmente para a fabricação de sabonetes, perfumes e óleos corporais.

Do braço da palmeira é feita a retirada da tala, usado na confecção de paneiro, tipiti e de rabiola e papagaios, um brinquedo com maior visibilidade no mês de julho. Com a retirada da tala fica a bucha matéria prima utilizada na fabricação dos brinquedos de miriti. Da raiz, faz-se o chá, excelente medicamento natural no tratamento de cálculos renais. O caule é bastante presente nas frentes das casas dos ribeirinhos, como uma espécie de ponte, e de suas folhas são feitas abanos e leques artesanais.

Nessa abordagem, os conhecimentos culturais são exercidos na confecção dos brinquedos que traduzem a história e as representações da cidade, à vida cotidiana dos munícipes, à fauna e flora existente na cidade e contorno, os conhecimentos técnicos de sua produção, bem como os conhecimentos de gênero, cultura e patrimônio.

2.1 Miriti: a matéria-prima e seus múltiplos usos

O miritizeiro, chamado cientificamente de *Mauritia Flexuosa*, é uma das maiores palmeiras da Amazônia, possui um porte de 30 a 60 cm de diâmetro, com uma altura de 20 a 30 metros. De acordo com Lustosa (1976),

[...] dentre as variações espécies de palmeiras da Amazônia, o buriti é das que apresentam mais elegantes e belas espécies. As palmeiras em geral. São esbeltas e elegantes, mas o buriti é de linhas tão nobres e tão poéticas no seu todo que entre elas se salienta.

Oferece uma fruta nutritiva importante para o povo e os animais da Amazônia. É uma palmeira encontrada com facilidade em áreas alagadas, Igapós, beira de Igarapés e rios, com parte do tronco imerso na água por longos períodos sem que isso lhe cause danos. Cavalcante (1996, p. 169), ressalta que: “é, portanto, provável que a água contribua para maior dispersão dos frutos e daí as extensas populações ou buritizais nas ilhas do baixo Tocantins.”.

Da árvore do miritizeiro tudo se aproveita, do grelo ou broto, fabrica-se cortinas e bolsas; da raiz se faz xaxim vasos; a polpa da fruta é usada para fazer sorvetes, picolés e ainda mingau e licores e o doce de buriti. Da polpa se extrai um óleo que é utilizado na fritura de peixes. As folhas têm várias utilidades, as novas são utilizadas para a fabricação de redes e cordas e as adultas para a cobertura de canoas e casas. Os talos são utilizados na tecelagem. O pecíolo por ser um material leve e mole é utilizado no artesanato regional, principalmente na fabricação de brinquedos. Os troncos imersos e apodrecidos desenvolvem o “turu” que são larvas, que podem ser comidas cruas com alto valor protético. Os troncos que não estão apodrecidos têm facilidades em flutuar e por isso servem como estivas (pontes que ligam as casas ao porto) nas casas ribeirinhas.

Imagem 4 – o miritizeiro usado como fonte de ligação das residências



Fonte: Edney Silva.

O miritizeiro além de ser uma opção na alimentação é uma fonte de renda para a sobrevivência de centenas de famílias.

Os artesãos com muita habilidade e criatividade extraem a matéria prima (miriti) por meio do corte dos braços, que podem medir até dois metros de comprimento. Esses braços são expostos ao sol para facilitar o processo de desidratação, tornando-se macios para a modelagem dos tradicionais brinquedos de miriti. Após a secagem do miriti, o artesão usa sua criatividade atrelada a sua habilidade e dá formas variadas à matéria prima, as quais se transformam em tatus, cobras, soca-soca, pássaros, barcos, etc.

Segundo Lobato (2001) “O artesão é um homem feliz, para ele é um divertimento e uma alegria imensa criar com suas mãos abençoadas os brinquedos que trarão felicidade a tantos rostos anônimos”.

Imagem 5 – o artesão separando seu material de trabalho, os braços do miritizeiro



Fonte: Edney Silva.

A fabricação dos brinquedos de miriti trata-se de um costume familiar, onde os mais experientes repassam o conhecimento para os mais jovens e o aprendizado ocorre de forma cultural e assim todos acabam contribuindo com a renda familiar para o seu sustento, conforme comenta Lobato (2001),

(...) que não existe um só artista no ramo, que não carregue nas mãos a marca do ofício e apontam com orgulho as cicatrizes que ostentam como um troféu a enobrecer suas personalidades, de simples e escudeiros das belezas naturais que alegam os lares paraenses.

Principalmente no círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará, visto que para os artesãos a festividade representa uma oportunidade de divulgação e de vendas para seu trabalho, o qual inicia meses antes da festividade com a confecção

incansável dos artesãos para inovarem e levarem grandes quantidades de brinquedos para a capital.

Na época da festividade, esses brinquedos ficam expostos em estandes montados nas proximidades da Catedral da Sé, de onde sai a procissão do círio.

Os brinquedos de miriti representam à realidade de nossa fauna e flora através dos mais variados animais, nos costumes, nos transportes e outros, formando um verdadeiro círio de beleza, cultura e fé, abrilhantando ainda mais o momento quando estão nas mãos dos promesseiros e vendedores ambulantes com suas girândolas repletas de brinquedos.

Nesse contexto, o miriti já ganhou um espaço exclusivo para a divulgação: O Miritifest, que é um festival que ocorre anualmente no mês de maio e tem por objetivo valorizar e apreciar a cultura local, mostrando o trabalho dos artesãos que a cada ano aperfeiçoam mais e criam brinquedos diversificados. Durante o festival que dura três dias, milhares de pessoas visitam os estandes e deliciam a culinária que possui uma variedade de doces, mingaus e bebidas e comidas feitas do fruto do miritizeiro, onde centenas de turistas que visitam o evento encantados com o artesanato, apreciam a culinária, levando sempre consigo uma lembrança para a sua cidade de origem.

2.2 Brinquedo de Miriti: patrimônio cultural imaterial do estado do Pará

O brinquedo de miriti que é reconhecido como patrimônio cultural Imaterial do estado pela Lei 7433/2010 e objeto estruturante do círio de Nossa Senhora de Nazaré, tornou Abaetetuba reconhecida como a capital mundial do brinquedo de miriti vem através do reconhecimento reacender cultural que constitui, determina, o caráter e a vida de quem a vive.

A importância da cultura no mundo contemporâneo tem sido enfatizada por autores de diferentes tendências. No âmbito do pensamento pós-moderno, a cultura adquiri cada vez mais um papel mais significativo na vida social: hoje, tudo chega mesmo a ser visto como cultura (BAUDRILLARD, apud. FEATHERSTONE, 1997). A cultura estaria, assim, além do social, descentralizando-se de seus determinismos tradicionais na vida econômica, nas classes sociais, no gênero, na etnicidade e na religião. (CANDAUI, 2003)

Nada mais justo que a educação use dessa ferramenta que tem seu papel construtivo em todos os aspectos da vida social, para somar os conhecimentos adquiridos na escola, visto que o brinquedo de miriti é patrimônio cultural e imaterial,

assim, não é valorizado apenas como objeto material, mas no orgulho e valorização do pertencimento, e na perspectiva dos estudos latino-americanos, particularmente na forma de valorizar a cultura local, na identificação de seu povo.

Canclini (1989), patrimônio cultural é um conjunto de bens e práticas tradicionais que identificam uma nação ou um povo.

Essa importância merece ser fonte de consenso coletivo é visto com mais volatilidade na perspectiva antropológica, pois para Clifford (1994), o sistema de valor e os critérios de seleção para constituir uma coleção de bens culturais mudam acompanhando as transformações sociais, e mais, a mudança destes critérios pode promover um artesanato ao *status* de arte.

Pelo fato de ser central para a economia, pois garante renda para centenas de famílias e ser central para a cultura pela própria tradição e pelo patrimônio cultural, passa a ser importante pedagogicamente, por trazer de sua confecção tem toda uma pedagogia que forma e transforma saberes, conhecimento da cultura de massa e o conhecimento escolar.

A cultura e o reconhecimento do brinquedo de miriti vem sendo fortalecido quando, frequentemente é postado como localização nas redes sociais, se reafirmando culturalmente como orgulho do pertencimento para o povo de forma a fortalecer sua existência e continuidade como a “Capital mundial do brinquedo de miriti”.

O brinquedo de miriti, inserido culturalmente, é uma forma de lutar, manter e reconhecer a cultura, conduzindo positivamente como acredita Hall (1997),

reconhecer que o trabalho de elaboração e produção da cultura, em todos os âmbitos, é de interesse público, político. O conhecimento dessa cultura fortalece, de forma individual e coletiva, e agrega nossa identidade, que é irrevogavelmente uma questão histórica.

Percebe-se que na cultura local é enfatizada na sociedade e na vida de cada cidadão. E introduzindo a cultura na escola, fala-se muito mais que cultura, fala-se de tradição, representação, pertencimento, identidade, autoridade e patrimônio, já que o brinquedo mesmo sem reconhecimento, que para Hall (1997), a cultura local, seus significados e artefatos, precisam ser considerados no processo de escolarização, pois a cultura governa o social e individual, regulando a sociedade e as condutas, os modos de agir, constituindo identidades e subjetividades.

Para Gonçalves (2002), o patrimônio cultural Imaterial não considera o objeto, lugar ou monumento, mas seu valor simbólico, e isso é bem visível no brinquedo de miriti. Sua constituição reflete a vida ribeirinha, modo de sobrevivência, a vida cotidiana, a fauna e flora, a representação, o reconhecimento, a resistência, pois mediante a toda a enxurrada de tecnologia e transformações que o mundo contemporâneo sofreu, também faz parte do cenário e influência do mundo globalizado, pois,

uma Abaetetuba, aparentemente submersa na profusão da comunicação em épocas de globalização, resiste nas narrativas ribeirinhas, nos brinquedos de miriti, [...], elaborando-se nas possibilidades estéticas, pela capacidade contagiosa da cultura popular em representar experiências de vida, que também é parte do artista e da comunidade que o gerou (GOMES, 2013, p.13).

Ribeiro (2015) comenta que, há uma contradição na cultura, pois os artesãos que são os verdadeiros responsáveis pela manutenção da tradição e do patrimônio, devido a sua persistência, determinação e até mesmo teimosia,

no primeiro momento os artesões são figuras quase míticas que produzem o brinquedo de miriti, sendo responsável pela tradição e pelo patrimônio. Por outro, suas condições de existência revelam uma exclusão concreta [...]. Sua tarefa é apenas manter a tradição e o patrimônio cultural, mas excluídos do acesso aos bens simbólicos e materiais da sociedade.

Para que essa visão possa se modificar é necessário falar da valorização do brinquedo de miriti como patrimônio imaterial, que gera um valor bem maior ao brinquedo, que tem haver com a subjetividade e identidade de um povo que possui e abraça sua cultura com representação e conhecimento na valorização de sua arte.

Esses fatos reforçam a cultura do brinquedo de miriti na cidade, sendo assim , fazer um estudo no sentido de introduzi-lo no currículo da educação básica, pois, segundo Giroux (2003), a cultura tornou-se a força pedagógica por excelência e sua função como uma condição educacional mais ampla para o aprendizado.

CAPÍTULO II

A FORÇA PEDAGÓGICA DA CULTURA LOCAL NO CURRÍCULO ESCOLAR

Neste capítulo, vamos refletir sobre a relação entre cultura e escola, focando no Colégio Bernardino Pereira de Barros por onde perpassa questões imprescindíveis para uma análise dos aspectos subjetivos referentes à concepção de currículo que temos construído ao longo da história da educação brasileira, pois independente do lugar, das posições ideológicas que assumimos, podemos influenciar e até materializar um currículo que ora contemple os ditames e normas das legislações educacionais, ora assuma e transpareça a vida dos educandos, suas habilidades e competências. Discutir a necessidade da adequação curricular no âmbito da cultura, haja vista que repensar a questão curricular pressupõe o estabelecimento de novos paradigmas na educação.

1 O currículo escolar no contexto da cultura

Repensar o currículo é preparar os educandos para se tornarem cidadãos críticos, responsáveis, solidários, ativos e participativos. Se dá através do acolhimento das experiências oriundas dos próprios educandos que levam para as salas de aula suas vivências, e quantas vezes os educadores foram capazes de trabalharem esses assuntos relacionados ao dia-a-dia dos educandos? Será que o professor deu a chance desses assuntos serem incorporados ao currículo? Essas e outras questões podem levar a reflexões mais profundas, criando inquietações, pois mexem com as construções teóricas e pedagógicas conservadoras e tradicionais.

Há a necessidade de uma nova proposta curricular, com base no coletivo, ou seja, com a participação dos educadores, dos gestores e da comunidade escolar nas discussões e nas implementações das políticas que visem adequar o currículo à realidade de cada escola, possibilitando a construção de um currículo onde o/a aluno/a sinta-se sujeito desse processo numa educação holística.

É preciso, repensar a questão curricular, caminho para uma educação em articulação permanente com o tempo/espaço/lugar das práticas sociais. Pensar o currículo, enquanto propiciador do exercício da cidadania, o qual deve promover a construção do conhecimento, baseado na aprendizagem de valores e princípios que

futuramente ajudarão os educandos a solucionarem problemas relacionados com o cotidiano.

Dentro do debate, o planejamento do currículo não poderá priorizar as visões, cumulativa e bancária, dos conteúdos. Concepção, tão combatida por Freire (1970) parece continuar sobrevivendo em muitas salas de aula. A ação educativa, na qual educandos e educadores são partícipes, deve propiciar aos mesmos uma reconstrução reflexiva e crítica da realidade tendo como ponto de partida as teorias, os conceitos, os valores, os costumes e, principalmente, uma atenção especial aos conteúdos culturais. Pois muitas são as culturas ausentes no currículo que necessitam permear o trabalho do educador com o educando, na tentativa de respeitar e valorizar cada cultura em suas especificidades. Afinal, diversidade, presente nas variadas culturas, fortalece os laços de humanidade entre as pessoas.

Uma proposta de adequação curricular implica mudança nas intenções daquilo que deve ser transmitida aos educandos, como transformar os processos internos que são desenvolvidos na educação institucionalizada. Exige revisão das práticas educativas que continuam priorizando a cultura dominante nas salas de aula, com conteúdos que apresentam a visão de determinados grupos sociais, inviabilizando a introdução de elementos da cultura popular e de temas polêmicos que requerem uma reflexão aprofundada como: o problema da fome, desemprego, racismo, preconceito, consumismo e tantos outros. Segundo Sacristán (1995), os conteúdos selecionados no currículo,

difícilmente têm o mesmo significado para cada um dos indivíduos. A falta de “representatividade” cultural do currículo escolar repercute, imediatamente, na desigualdade de oportunidades e na incapacidade da cultura da escola para dotar os alunos de instrumentos que os permitam compreenderem melhor o mundo e a sociedade que os rodeia.

Outro aspecto que deve ser considerado é o currículo enquanto possuidor de um caráter histórico e político, pois não se restringe à transmissão de conteúdos e conhecimentos: o currículo estabelece uma relação social e se realiza através de uma relação entre as pessoas. Acredita-se que para (re)pensar a questão curricular necessita de uma posição política e ética frente aos desafios apontados por uma sociedade consumista e capitalista, onde o saber cultural parece restringir-se a uma pequena parcela de detentores do saber. Refletir sobre o currículo como caminho para

uma educação holística é acreditar que o conhecimento é um dos meios de combate ao racismo, ao preconceito, ao desrespeito, a falta de humanização. Por isso, defender um currículo que contribua com uma educação emancipadora, para formar sujeitos críticos e pensantes.

O currículo, de certa forma contribui para a formação pessoal do sujeito, haja vista que não se limita somente aos conhecimentos relacionados às vivências do educando, mas busca novos conhecimentos.

A instituição escolar se insere na sociedade e, por fazer parte integrante desse contexto, assume uma dimensão política que reflete na sala de aula. Essa postura deve proporcionar à escola uma análise crítica dos instrumentos de poder que, muitas vezes, se encontram na formação do currículo. E muitas das vezes, esses instrumentos inviabilizam a formação de um currículo plural, baseado na diversidade e nas diferenças, pois dita as regras e potencializa aquilo que poderíamos denominar de “currículo imposto” organizado e elaborado por especialistas, em gabinetes fechados.

A homogeneização e padronização do currículo que as escolas ainda praticam em seus espaços acabam por descaracterizar os processos de aprendizagem que visam acolher todos os saberes oriundos das experiências dos educandos, bem como suas visões de mundo e da vida. A escola, enquanto espaço de descobertas, troca de experiências e aprendizados diversos, necessita abrir-se para a realidade dos educandos e da comunidade. Essa realidade se traduz naquilo que consideramos de suma importância para a complementação do currículo escolar: a inserção de saberes, vivências e manifestações culturais que acontecem fora dos muros escolares.

Convém lembrar que o currículo das escolas é pensado para um padrão de normalidade em que o aluno desejado é o que serve de modelo para avaliar os outros alunos. Quando os outros não conseguem atingir os índices de aprendizado pré-definidos são rotulados como incapazes, atrasados, lentos. Várias são as formas de rever a teorização curricular. Silva (1999) nos apresenta quatro visões de currículos que prevalecem efetivamente, porém a cada uma dessas visões cabe uma análise pormenorizada das intenções subjacentes à sua aplicação. Uma primeira visão, a que ele chama de tradicional, humanista, baseia-se numa concepção conservadora da cultura, aquela que considera o conhecimento apenas como fato, informação, ou seja,

fixo, herdado, estável. Sendo assim, a escola reproduz uma visão conservadora sem atentar para a revisão do seu verdadeiro papel social.

A segunda visão se refere à perspectiva tecnicista, na qual as dimensões instrumentais, utilitárias e econômicas da educação são fortemente evidenciadas, parecendo-se, em muitos aspectos, com a visão conservadora.

A terceira visão, a crítica, de orientação neomarxista, analisa a escola e a educação como reprodutoras das estruturas de classe da sociedade capitalista. Nesse sentido, o currículo reproduz e reflete essa posição. Por fim, a quarta visão, a pós-estruturalista, retoma e reformula a análise da orientação neomarxista e concebe o currículo como uma prática de significação.

Explicitadas as várias formas de conceber o currículo, fica o questionamento: como educadores, agentes atuantes na organização e formulação dos conteúdos curriculares, como estão contribuindo para que o currículo de fato transpareça a diversidade com sua riqueza e importância (saberes, fazeres)? O que seria então garantir a escola enquanto um direito social, que respeite a diversidade cultural na sua prática e no seu currículo? Para Gomes (2006), a garantia de uma escola igual para todos não pode ser confundida com um currículo único para todos os alunos e professores.

Segundo a autora, seria interessante questionar de que forma o currículo é construído, como se dá a seleção dos conteúdos, qual visão de mundo, de homem, de mulher, de negro, de índio, de branco e de outros grupos étnicos, a escola tem priorizado em seu currículo e de que forma tem se relacionado com aqueles que questionam diretamente os currículos.

Outro aspecto que deve ser considerado é o currículo enquanto possuidor de um caráter histórico e político, pois não se restringe à transmissão de conteúdos e conhecimentos: o currículo estabelece uma relação social e se realiza através de uma relação entre as pessoas. Dessa forma, acredita-se que a concepção de uma escola igual para todos passa pela garantia e implementação de leis que garantam aos grupos minoritários a oportunidade de serem contemplados no currículo.

2 A relevância da cultura local para o currículo

Na pesquisa, constatamos que o brinquedo de miriti não faz parte do currículo da Escola Bernardino Pereira de Barros e que os professores aceitam que este seja ensinado como tema transversal.

Esta situação está na contramão do que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e nos parâmetros curriculares Nacionais (PCNs) no ano de 1996, pois em ambos os documentos, o Ensino da cultura Brasileira e do patrimônio cultural estão previstos, sendo que neste último, a indicação está no tema transversal pluralidade cultural, pois segundo Londres (2012), este documento é a expressão do compromisso do estado com a educação patrimonial. Pode transversalizar com artes, história, geografia e língua portuguesa, sendo que na lista de conteúdos indicados consta a “Valorização do patrimônio linguístico, artístico e cultural dos diversos grupos como bem comum a ser preservado por todos” (BRASIL, 1996).

Lembrando que a ideia de patrimônio cultural remete à riqueza construída e transmitida, de geração para geração, como o legado que influencia a identidade dos indivíduos e grupos sociais, mas essa ideia pode ser proporcional à interpretação que se quer valorar. As definições podem partir de diferentes relações, por exemplo, a relação afetiva, a econômica, a ambiental, a cultural, entre outras, pois segundo (GONÇALVES, 2002), patrimônio é um conjunto de bens que representa ideia e valores e constitui identidades. E ainda Canclini (1994), considera um dom capaz de identificar uma nação por meio do prestígio e da diferenciação.

É importante destacar que o tema transversal pluralidade cultural faz parte do currículo Nacional que prevê tais conteúdos. Entretanto, esta sinalização não se traduz em prática pedagógica, conforme informações dos professores.

Mediante essas constatações, percebe-se que o espaço escolar deve ser justamente o ponto de encontro entre teoria, prática e cultura presentes na comunidade. E que professor e aluno sejam os construtores do conhecimento, pois segundo Candau (2002),

[...] teoria e prática são polos separados, mas não opostos. Na verdade, estão justapostos. A prática deve ser uma aplicação da teoria. A prática propriamente não inventa, não cria, não introduz situações novas. A inovação vem sempre do polo da teoria. A prática

adquirirá relevância na medida em que for fiel aos parâmetros da teoria. Se há desvios é a prática que sempre deve ser retificado para melhor corresponder às exigências.

É preciso também que o professor monte estratégias que venham facilitar e melhorar sua prática, produzindo uma aula mais atraente e eficaz. E, é justamente uma dessas estratégias de melhorias de ensino que está relacionada com o brinquedo de miriti.

Porém, apesar de o currículo nacional prevê tais conteúdos, foi percebido que no Colégio Bernardino, os professores não utilizam a cultura local em sala de aula. Além do mais, os desenhos curriculares tanto da Semec (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), quanto da 3ª URE, privilegiam conteúdos voltados para os exames nacionais, inviabilizando o debate sobre a cultura local, seus artefatos e representações.

[...] a cultura tornou-se a força pedagógica por excelência e sua função como uma condição educacional mais ampla para o aprendizado é crucial para a aplicação de formas de alfabetização dentro das diferentes esferas sociais e institucionais, pelas quais as pessoas definem a si mesmas e sua relação com o mundo social (GIROUX, 2003).

E ainda para Canclini (1989), conservar o patrimônio cultural proporciona a saúde espiritual à população, na medida em que conservá-lo serve de testemunho de que a suposta essência do passado de glórias ou de certo estado de natureza, sobrevive as mudanças do progresso e da modernização. Porém, quando os professores foram entrevistados, a maioria respondeu que o brinquedo representa “a cultura do povo”, cultura essa que já sabemos é bicentenária e ainda resiste a todas as mudanças, e traz em sua essência a história de seu povo, que nasceu nas ilhas de Abaetetuba “Terra de homens fortes e valentes” (GOMES, 2013, p. 212).

De um povo que no seu dia a dia, é afrontado pela expansão da venda e consumo de drogas, da violência, das festas regradas a isso tudo, a prostituição, a criminalidade, é o mesmo povo que tem a possibilidade de ver através do brinquedo de miriti, a divulgação de forma mundial de sua cultura, que realiza anualmente no mês de maio, Miritifest, um festival regrado a cultura, história, religião, crença e muita informação de um povo muito alegre e feliz.

Hall (1997), acredita que a cultura não pode ser estudada como variável sem importância secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo se mover,

devendo ser vista como algo fundamental, constitutivo, que determina a forma e a vida interior desse movimento. Candau (2003) reconhece os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrindo espaços para a manifestação e valorização das diferenças através do brinquedo de miriti e seus conhecimentos incorporados e traduzidos através da leitura de suas representações.

Uma cidade que vive a cultura, mesmo sem ter conhecimento desse fato, o comércio fecha às doze horas e reabre às quinze horas, isso é cultura do povo que tem que fazer a famosa sesta nesse horário, impossibilitando qualquer modificação no seu comércio local, mesmo as grandes redes de comércio estadual após se estabelecerem na cidade terem tentado mudar esse hábito foi inútil, pois o povo vive assim e a tentativa de mudar ao longo dos anos foi vencido pelo modo de vida local, este é um exemplo de que como a cultura pode ser forte e resistente, conforme comenta Jones que em cada canto de Abaeté, é possível ver a cultura vivendo e revivendo. (GOMES, 2013. p.217-218)

Não é apenas uma cidade ribeirinha com seus costumes e crenças de uma cidade interiorana, mas sim uma cidade que agrega valores a seus costumes e crenças, tornando cada acontecimento como parte de sua história mesmo não tendo o conhecimento que produz cultura e enriquece sua história no dia a dia. Para Hall (1997), a cultura é como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana; como práxis sensorial humana, como a atividade através da quais homens e mulheres fazem a história.

Nesse debate, acredita-se na força pedagógica que a cultura representa, tem muitas representações culturais como: A quadra Junina, os autos, o miritifest, a semana de Arte e Folclore, dentre outros eventos que são manifestações populares, criadas a priori como entretenimento que vão se tornando parte da cultura local, com sua tradição de realizações ano após ano, gerando assim uma relação muito forte com cada evento e acontecimento, tornando-se parte da vida desse povo, que é movido por amor a essa terra, que em cada evento realizado, introduz, sua vida diária, seus costumes alimentares, suas músicas e danças preferidas.

Lembrando que o Miritifest, além de incorporar todas essas informações do povo, também tem o brinquedo de miriti, que para nós é um objeto que representa tradição e patrimônio que vai além de saber fabrica-los, que oferece através de sua

história e representação, uma força pedagógica que representa uma rica cultura popular, que pode gerar a identidade de um povo, fazendo parte do currículo das escolas básicas.

A tradição é um discurso capaz de produzir condutas e funciona quase como uma religião, pois é uma forma de fé (HOBBSAWN,1984). O autor quer dizer que assim como a fé religiosa, a tradição tem suas práticas reguladas amplamente aceitas e não questionadas. Sendo assim é capaz de acionar um conjunto de símbolos, que neste caso são festejos (Miritifest, Círio de Nossa Senhora de Nazaré), que são usados para repassar valores, ideias, condutas e crenças, por meio de suas repetições anuais, com isso se constitui identidades pelo orgulho de pertencer ao município de Abaetetuba.

Na realização do círio de Nossa Senhora da Conceição, realizado no segundo domingo de novembro, que reúne toda a população do estado do Pará e outras regiões, que se prepara o ano todo para participar dessa celebração, alguns se deslocam das ilhas, ramais e toda a região, onde a praça passa a ser um palco, onde todos ficam circulando para se mostrarem uns por outros, isso só se vê aqui, quem nunca participou fica sem entender, esse movimento rotatório das pessoas na praça.

Sabendo a partir do entendimento de que o currículo pode ser um caminho para trabalhar questões sobre preconceito, discriminações, racismo, violência, cultura, dentre outros, a educação tornar-se-á elemento indispensável para o combate às desigualdades sociais e educacionais. Assim, refletir sobre a construção de um currículo que perpassa questões imprescindíveis para uma análise dos aspectos subjetivos referentes à concepção do currículo que temos construído ao longo da história da educação brasileira. O currículo visa ainda o respeito à diferença, à diversidade, e não pode isentar-se do compromisso com os mais necessitados e fragilizados por um sistema desumano e preconceituoso, haja vista que educar requer mais do que o cumprimento das obrigações curriculares, exige uma postura ética e valorativa diante de tanta diversidade cultural.

A escola, enquanto espaço de descobertas, troca de experiências e aprendizados diversos, necessita abrir-se para a realidade dos educandos e da comunidade. Essa realidade se traduz naquilo que consideramos de suma importância para a complementação do currículo escolar: a inserção de saberes, vivências e manifestações culturais que acontecem fora dos muros escolares.

Convém lembrar que o currículo que tem nas escolas é pensado para um padrão de normalidade em que o aluno é submetido a avaliações que serve de modelo para avaliar os outros alunos.

Assim, o currículo enquanto possuidor de um caráter histórico e político não se restringem à transmissão de conteúdos e conhecimentos, mas também estabelece uma relação social.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa propôs-se: a refletir sobre a presença da cultura do miriti no currículo da Escola Estadual Bernardino Pereira de Barros no município de Abaetetuba/Pa e analisar as razões da relevância da cultura do miriti para o currículo escolar.

Conforme os dados da pesquisa, considera-se que, a cultura do miriti ainda não está contribuindo com a prática docente, conforme foi respondido pela maioria dos docentes da escola investigada, uma vez que, percebeu-se a complexibilidade que a vida contemporânea nos coloca, frente à divulgação e alienação do ensino cultural, que nos é apresentado de cima pra baixo, ou seja, geralmente é abordado uma cultura que não representa os alunos, Abaetetuba tem seu patrimônio cultural e deve usá-lo para disseminar a valorização de sua cultura, e garantir a transmissão desse patrimônio para gerações futuras através do processo ensino e aprendizagem, pois para que uma pessoa passe a conhecer o patrimônio cultural de seu lugar é necessário reconhecer seus significados e se identificar com ele, é preciso que seja formado/a culturalmente na escola.

De acordo com os objetivos, conforme se observou sobre a presença da cultura do miriti no currículo do Colégio investigado, nas colocações dos professores, percebe-se que mesmo, diante do orgulho de pertencimento já existente que carregam consigo, a cultura do miriti não é usada a favor da educação. No entanto, fica claro que é preciso oportunizar através do estudo do Patrimônio cultural para trazer para dentro das escolas a cultura local, que é uma cultura popular, rica, os professores acreditarem nessa riqueza como força pedagógica, utilizando o brinquedo de miriti na sala de aula, o que também irá contribuir para a conservação do patrimônio cultural de do município.

O estudo aponta também que, para os professores, a educação patrimonial e cultural não é realizada no colégio, nem mesmo nas aulas de arte e nem no programa mais educação que tem em um de seus eixos de escolha, a educação patrimonial. A arte do brinquedo de miriti é uma tradição passada de pai para filho, e isso dificilmente terá importância dentro da sala de aula, pois os mesmos só conhecem essa arte de forma artesanal, pois as oficinas realizadas servem somente para se aprender a fabricar os brinquedos.

Sobre as razões que a cultura do miriti tem para o currículo, evidenciou-se que a maioria dos professores desconhece a representatividade do brinquedo de miriti no contexto cultural e não acredita nela como parte do currículo a ser ensinado, “a cultura de um povo, um trabalho que gera renda a muitas famílias, diversidade e história, um grande amor, uma tradição que passa de pai pra filho”, mesmo tendo toda essa representatividade esses mesmos professores em suas escolas, nunca realizaram debates culturais a respeito desse tema, apenas utilizaram o brinquedo de miriti como oficina para se ensinar a fazer a arte, sem dar a importância que tem esse artefato/brinquedo e sua representação, acreditando que a cultura do brinquedo deve ser ensinada nas disciplinas “secundárias e sem muita ênfase”.

Desta forma, considerando tais aspectos e o conhecimento dessa realidade, houve a motivação em traçar este caminho de estudo evidenciando a inserção de um novo paradigma de educação, voltado para a utilização do brinquedo de miriti com a finalidade de promover práticas com base na cultura local. E nesse sentido, buscar uma pedagogia cultural, comprometida com o desenvolvimento integral dos jovens na descoberta de sua identidade e no resgate de sua cultura.

Sendo assim, nossas conclusões conforme os dados coletados sobre o currículo da Educação no Colégio Bernardino Pereira de Barros, indica os desafios, perspectivas com propósito de apontar novos caminhos a serem trilhados para contribuir com o desenvolvimento do ensino/aprendizagem, garantindo um ensino crítico.

Dentro desse debate, a compreensão e o desenvolvimento desse currículo com um olhar holístico voltado para a amplitude das questões sociais e culturais, da prática capaz e do compromisso em transformar a realidade da prática pedagógica a partir das necessidades apresentadas, trabalhando a realidade dos alunos, visando sua adaptação ao meio cultural e social em que estão inseridos como mecanismos

essenciais do processo ensino aprendizagem. E, nesse sentido, esse currículo antes de tudo deve tratar dos aspectos da realidade, da cultura dos alunos e da sociedade que os cerca.

Por isso, essa organização curricular deve contar com a participação dos educadores, dos gestores e da comunidade escolar nas discussões e na implementação de políticas que visem adequar o currículo à realidade de cada instituição, possibilitando a construção de um currículo onde o/a aluno/a sinta-se sujeito desse processo. Pensar o currículo, enquanto propiciador do exercício da sua vivência. E para que esse redimensionamento do currículo seja levado a efeito, é necessário superar a visão estreita de cultura monolítica. Este precisa ser pensado e planejado considerando conhecimentos e informações que permitam a aquisição de habilidades para a reflexão cultural, assim como a capacidade de pensar a cultura e sua relação com a sociedade, em determinado tempo e espaço. E ainda, o redimensionamento do currículo exige a formação dos professores com orientação cultural para que estes possam transitar nesse terreno curricular.

Dessa forma, é possível a partir do eixo cultural, se apresentar a prática pedagógica como uma pedagogia multifacetada, levando em consideração uma relação de enamorados com a cultural patrimonial, através do brinquedo de miriti, que nesse trabalho é o protagonista, precisamos apresentar a comunidade educacional através de mais trabalhos voltados a esse segmento e não se cansando de falar dele de sua força pedagógica, da paixão que nos moveu nesse trabalho, onde ele nos impulsionar a vontade de contar ao mundo que ele representa cada um dos abaetetubenses e que conta uma história de luta, de resistência, força de um povo feliz e alegre.

Por esperar que esta pesquisa venha contribuir com que incidem/refletem negativamente sobre a a cultura do miriti no currículo da Escola Estadual Bernardino Pereira de Barros no campo da pesquisa, além de destacar desafios e perspectivas com propósito de apontar novos caminhos a serem trilhados, contribuindo com o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos, assim como para a qualidade da educação no município.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

BRASIL. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1996.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1989.

_____. **O Patrimônio Cultural e a Construção imaginária do Nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, Iphan, nº 23 , p. 95-115, 1994.

CANDAU, V. M. **Educação escolar e culturas(s):construindo caminhos**. Agosto. 2003.

_____. **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis, TJ: Vozes, 2002.

CAVALCANTE, I. N. (1996) - **Potencial hídrico subterrâneo**: um bem mineral vital ameaçado pela poluição antrópica. Revista de Geologia, Vol. 5: Fortaleza. CE. 115 a 124p.

CLIFFORD, J. **Colecionando arte e cultura**. Trad. Anna O.B. Barreto. Revista IPHAN, n. 23, pp 69-75, 1994.

COSTA, Marisa (Org.). **O currículo nos limiões do Contemporâneo**. Rio de Janeiro: OP & A, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GIROUX, H. **Atos impuros: a prática política dos Estudos Culturais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica**. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Jones da Silva. **Cidade da Arte: uma poética da resistência nas margens de Abaetetuba**. Tese (Doutorado). Belém: PPGCS/IFCH/UFPa, 2013.

GONÇALVES, J.R.S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R., CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro DP & A.2002.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, V.22, n. 2, p. 15-46, jul./dez.1997.

HOBSBAWM, E. Introdução: **A Invenção das Tradições**. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LOBATO, M. N. C. **Nossa Arte, Nossa vida**. Gráfica Guará. Abaetetuba-Pará, 2001.

MACHADO, J. **História de Abaetetuba: com referenciais na história social e econômica da Amazônia**. Abaetetuba, PA: Alquimia, 2008.

PARÁ. Lei 7433/2010, de 30/06/2010.

RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

RIBEIRO, J. ; LOBATO, L.S;PINHEIRO,D.L. **A Cultura de Gênero nos Ateliês de Produção do Brinquedo de Miriti**. Ribeiro, Joyce O.S. et al. (Orgs.). **A pesquisa no baixo Tocantins: Resultados de Pesquisa**. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

SACRISTÁN, J. G. Currículo e diversidade cultural. In: silva, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: vozes, 1995.

SILVA, T.T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.

_____. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autentica, 1999b.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

LONDRES, C. A educação patrimonial na formação das novas gerações: algumas considerações. In: TOLENTINO, A. B. (Orgs.).*Educação Patrimonial: reflexões e práticas*. IPHAN, João Pessoa, 2012.

www.ibge.br

ANEXO

Questionário aplicado na pesquisa.

1ª Pergunta: A escola tem uma política cultural (debates, cursos, festas, orientações ao grupo de professores) sobre o brinquedo de miriti?

2ª Pergunta: A escola já realizou algum curso de formação continuada sobre o brinquedo de miriti?

3ª Pergunta: O brinquedo de miriti está incluído no currículo das escolas estaduais?

4ª Pergunta: Você considera que o brinquedo de miriti deva ser ensinado nas escolas?

5ª Pergunta: Se o brinquedo de miriti não faz parte do currículo das escolas estaduais, você considera importante que seja incluído? Como?

6ª Pergunta: Os professores e professoras devem ensinar sobre o brinquedo de miriti na sala de aula?

7ª Pergunta: O que o brinquedo de miriti representa pra você?

8ª Pergunta: Você considera o brinquedo de miriti importante para Abaetetuba e para o estado do Pará? Como você se sente em relação a este fato?

9ª Pergunta: O que é patrimônio cultural imaterial para você?

10ª Pergunta: Você gosta de ser Abaetetubense? Porque?

11ª Pergunta: Você já leu algum livro sobre a relação escola-cultura? Qual?